O que podemos fazer com o antifascismo

Alfredo Maria Bonanno

1994

A raposa sabe muitas coisas.

O porco-espinho é apenas um, mas é ótimo.

Archilochus

Fascismo é uma palavra de sete letras que começa com F. Os seres humanos gostam de brincar com palavras que, ocultando parcialmente a realidade, as absolvem da reflexão pessoal ou da necessidade de tomar decisões. O símbolo atua em nosso lugar, fornecendo-nos uma bandeira e um álibi.

E quando colocamos "anti-" na frente do símbolo, não se trata simplesmente de ser contra o que absolutamente nos repugna. Sentimos que estamos do outro lado e cumprimos nosso dever. Recorrer a esse "anti-" nos dá uma consciência limpa, envolvendo-nos em um campo bem guardado e muito frequentado.

Enquanto isso, as coisas seguem em frente. Os anos passam e as relações de poder também. Novos chefes tomam o lugar dos antigos e o trágico caixão de poder é passado de uma mão para a outra. Os fascistas do passado aderiram ao jogo democrático e entregaram suas bandeiras e suásticas a alguns loucos. E porque não? Esse é o caminho dos homens de poder. O bate-papo vai e vem, o realismo político é eterno. Mas nós, que sabemos pouco ou nada de política, estamos nos perguntando com desdém o que aconteceu, já que os camisas pretas e fascistas com clubes que lutamos com tanta determinação estão desaparecendo da cena. Assim, como galinhas sem cabeça, estamos procurando um novo bode expiatório contra o qual possamos liberar nosso ódio totalmente pronto, enquanto tudo ao nosso redor está se tornando mais sutil e suave e o poder está nos chamando a entrar em diálogo: Mas, por favor, dê um passo à frente, diga o que tem a dizer, isso não é um problema! Não se esqueça, estamos vivendo em uma democracia, todos têm o direito de dizer o que gostam. Outros escutam, concordam ou discordam, depois números absolutos decidem o jogo. A maioria ganha e a minoria fica com o direito de continuar discordando. Enquanto tudo permanecer dentro da dialética de tomar partido.

Se reduzíssemos a questão do fascismo a palavras, seríamos forçados a admitir que tudo tinha sido um jogo. Talvez um sonho: *"Mussolini, um homem honesto, um grande político. Ele cometeu erros. Mas quem não fez? Então ele saiu do controle. Ele foi traído. Todos nós fomos traídos. Mitologia fascista? Deixe assim! Não faz sentido pensar em tais relíquias do passado"*.

"*Hitler*", relembra Klausmann, retratando sarcasticamente a mentalidade de Gerhart Hauptmann, o velho teórico do realismo político, *"em última análise ... meus queridos amigos! ... sem sentimentos ruins! ... vamos tentar ... não, se você não se importa, ... permita-me ... objetivo ... posso pegar outra bebida para você? Esse champanhe ... realmente extraordinário – Hitler, o homem, quero dizer ... o champanhe também, aliás ... uma evolução absolutamente extraordinária ... juventude alemã ... cerca de sete milhões de votos ... como eu sempre disse aos meus amigos Judeus ... esses Alemães ... nação incrível ... verdadeiramente misteriosos ... impulsos cósmicos ... Goethe ... a saga da dinâmica ... tendências irresistíveis elementares ..."*

Não, não no nível de conversa fiada. As diferenças ficam nebulosas com um copo de bom vinho e tudo se torna uma questão de opinião. Porque, e isso é importante, existem diferenças, não entre fascismo e antifascismo, mas entre quem quer poder e quem luta contra ele e o recusa. Mas em que nível os fundamentos dessas diferenças podem ser encontrados?

Recorrendo à análise histórica? Acho que não. Os historiadores são a categoria mais útil de idiotas a serviço do poder. Eles acham que sabem muito, mas quanto mais estudam furiosamente os documentos, mais isso é tudo o que sabem: documentos que atestam de forma incontestável o que aconteceu, a vontade do indivíduo aprisionado na racionalidade do evento. O equivalente de verdade e fato. Considerar tudo o mais possível é um mero passatempo literário. Se o historiador tem o menor vislumbre de inteligência, ele passa para a filosofia imediatamente, mergulhando na angústia comum e coisas do gênero. Contos de feitos, gnomos de contos de fadas e castelos encantados. Enquanto isso, o mundo ao nosso redor se instala nas mãos dos poderosos e de sua cultura de livros de revisão, incapaz de dizer a diferença entre um documento e uma batata assada. *"Se a vontade do homem fosse livre"*, escreve Tolstoi em **Guerra e Paz**, *"Toda a história seria uma série de eventos fortuitos ... se, em vez disso, houver uma única lei que rege as ações do homem, o livre arbítrio não poderá existir, porque a vontade do homem deve estar sujeita a essas leis"*.

O fato é que os historiadores são úteis, especialmente para nos fornecer elementos de conforto, álibis e muletas psicológicas. Quão corajosos foram os comunards de 1871! Eles morreram como homens corajosos contra a parede em Père Lachaise! E o leitor fica animado e se prepara para morrer também, se necessário, contra a próxima parede dos comunards. Esperar que as forças sociais nos coloquem na condição de morrer como heróis nos leva à vida cotidiana, geralmente ao limiar da morte sem que essa ocasião se apresente. As tendências históricas não são tão exatas. Mais ou menos uma década, podemos perder essa oportunidade e nos encontrar de mãos vazias.

Se você quiser medir a imbecilidade de um historiador, leve-o a raciocinar sobre coisas que estão em construção e não no passado. Será um abridor de mente!

Não, não análise histórica. Talvez uma discussão política ou político-filosófica, do tipo que nos acostumamos a ler nos últimos anos. O Fascismo é algo em um minuto e outra coisa no próximo. A técnica para fazer essas análises é logo contada. Eles tomam o mecanismo Hegeliano de afirmar e contradizer ao mesmo tempo (algo semelhante à crítica de armas que se torna uma arma de crítica) e extraem uma afirmação aparentemente clara sobre qualquer coisa que vem à mente na época. É como aquela sensação de desilusão que você sente quando, depois de correr para pegar um ônibus, percebe que o motorista, embora ele tenha visto você, acelerou em vez de parar.

Bem, nesse caso, podemos demonstrar, e acho que Adorno fez, que é precisamente uma vaga frustração inconsciente – causada pela vida que nos escapa e que não conseguimos compreender – que surge, nos fazendo querer matar o motorista. Tais são os mistérios da lógica Hegeliana! Assim, o Fascismo gradualmente se torna menos desprezível. Porque dentro de nós, à espreita em algum canto escuro do nosso instinto animal, faz nosso pulso acelerar. Desconhecido para nós mesmos, um fascista se esconde dentro de nós. E é em nome desse potencial fascista que chegamos a justificar todos os outros. Sem extremistas, é claro! Muitos realmente morreram? Sério, em nome de um senso de justiça incompreendido, pessoas dignas de grande respeito colocam em circulação as bobagens de Faurisson. Não, é melhor não se aventurar por esse caminho.

Quando o conhecimento é escasso e as poucas noções em que parecemos dançar em um mar tempestuoso, é fácil ser vítima das histórias inventadas por aqueles que são mais espertos do que nós. Para evitar tal eventualidade, os Marxistas, bons programadores da mente de outras pessoas como eles são (principalmente os do proletariado pastoreado), sustentaram que o fascismo é equivalente ao cassetete. Do lado oposto, mesmo filósofos como Gentile sugeriram que o cassetete, agindo de acordo com a vontade, é também um meio ético, na medida em que constrói a simbiose futura entre Estado e indivíduo naquela unidade superior em que o ato individual se torna coletivo. Aqui vemos como os Marxistas e Fascistas se originam do mesmo estoque ideológico, com todas as consequências práticas que se seguiram, incluindo os campos de concentração. Mas vamos continuar. Não, o Fascismo não é apenas o cassetete, nem é apenas Pound, Céline, Mishima ou Cioran. Não é um desses elementos, ou qualquer outro, considerado individualmente, mas todos eles juntos. Tampouco é a rebelião de um indivíduo isolado que escolhe sua própria luta pessoal contra todos os outros, às vezes incluindo o Estado, e pode até atrair a simpatia humana que sentimos por todos os rebeldes, mesmo os desconfortáveis. Não, não é isso que fascismo é.

Para o poder, o fascismo bruto, como já existiu em vários momentos da história sob ditaduras, não é mais um projeto político praticável. Novos instrumentos estão aparecendo junto com as novas formas gerenciais de poder. Então deixemos que os historiadores mastigem o quanto quiserem. O Fascismo está fora de moda, mesmo como insulto ou acusação política. Quando uma palavra é usada de maneira depreciativa por quem está no poder, não podemos usá-la também. E como essa palavra e esse conceito relacionado nos dão nojo, seria bom colocar um e outro no sótão junto com todos os outros horrores da história e esquecê-lo.

Esqueça a palavra e o conceito, mas não o que está oculto. Devemos ter isso em mente para nos prepararmos para agir. Caçar fascistas pode ser um esporte agradável hoje em dia, mas pode representar um desejo inconsciente de evitar uma análise mais profunda da realidade, de evitar ficar atrás daquele denso esquema de poder que está ficando cada vez mais complicado e difícil de decifrar.

Eu posso entender o antifascismo. Também sou antifascista, mas minhas razões não são as mesmas de muitas que ouvi no passado e ainda hoje escuto quem se define como tal. Para muitos, o fascismo teve que ser combatido há vinte anos, quando estava no poder na Espanha, Portugal, Grécia, Chile etc. Quando os novos regimes democráticos tomaram seu lugar nesses países, o antifascismo de tantos oponentes

ferozes se extinguiu. Foi então que percebi que o antifascismo de meus antigos camaradas em luta era diferente do meu. Para mim, nada mudou. O que fizemos na Grécia, Espanha, colônias portuguesas e em outros lugares poderia ter continuado mesmo depois que o Estado democrático assumisse o poder e herdasse os sucessos passados do antigo fascismo. Mas todo mundo não concordou. É necessário saber ouvir velhos camaradas que contam suas aventuras e as tragédias que conheceram, dos muitos assassinados pelos fascistas, a violência e tudo mais. *"Mas"*, como Tolstoi disse novamente, *"o indivíduo que participa de eventos históricos nunca entende realmente o significado deles. Se ele tentar entendê-los, ele se tornará um componente estéril"*. Entendo menos aqueles que, não tendo vivido essas experiências, não se veem presos a essas emoções meio século depois, tomam emprestado explicações que não têm mais motivo para existir e que geralmente não passam de uma simples cortina de fumaça para se esconder.

"Eu sou antifascista!", eles jogam em você como uma declaração de guerra, "e você"?

Nesses casos, minha resposta quase espontânea é: não, não sou antifascista. Não sou antifascista da maneira que você é. Não sou antifascista porque fui combater os fascistas em seus países enquanto você permanecia no calor da democracia italiana, que, no entanto, colocava no poder mafiosos como Scelba, Andreotti e Cossiga no governo. Não sou antifascista porque continuei a lutar contra a democracia que substituiu essas versões de fascismo das novelas. Utilizando meios de repressão mais atualizados e, por isso, é mais fascista do que os fascistas anteriores. Não sou antifascista porque ainda estou tentando identificar aqueles que detêm o poder hoje e não me deixo cegar por rótulos e símbolos, enquanto você continua a se chamar antifascista, a fim de ter uma justificativa para sair às ruas para se esconder atrás de seus banners "Abaixo o fascismo!". É claro que, se eu tivesse mais de oito anos na época da "resistência", talvez eu também fosse dominado por lembranças jovens e paixões antigas e não ficaria tão lúcido. Mas acho que não. Porque, se examinarmos os fatos com cuidado, mesmo entre o conglomerado confuso e anônimo do antifascismo das formações políticas, houve quem não se conformou, mas foi além, continuou e continuou muito além do "cessar-fogo"! Porque a luta, a luta pela vida e pela morte, não é apenas contra os fascistas do passado e do presente, aqueles de camisa preta, mas é também e fundamentalmente contra o poder que nos oprime, com todos os elementos de apoio que tornam possível, até quando usa o disfarce permissivo e tolerante da democracia.

"Bem, então você já deve ter dito isso!" – alguém poderia responder – "você também é antifascista".

"E como mais poderia ser? Você é um anarquista, então você é um antifascista! Não nos canse rachando os cabelos".

Mas acho útil fazer distinções. Eu nunca gostei de fascistas, nem consequentemente o fascismo como um projeto. Por outras razões (mas que, cuidadosamente examinadas, são as mesmas), nunca gostei de projetos democráticos, liberais, republicanos, Gaullistas, trabalhistas, Marxistas, comunistas, socialistas ou qualquer outro desses projetos. Contra eles, sempre me opus não tanto a ser anarquista quanto a ser diferente, portanto anarquista. Antes de tudo, minha individualidade, minha maneira pessoal de entender a vida e de mais ninguém, de entendê-la e, portanto, de vivê-la, de sentir emoções, pesquisar, descobrir, experimentar e amar. Só permito entrar neste meu mundo as ideias e pessoas que me atraem; o resto eu mantenho longe, educadamente ou não.

Eu não defendo, eu ataco. Não sou pacifista e não espere até que as coisas ultrapassem o nível de segurança. Eu tento tomar a iniciativa contra todos aqueles que podem potencialmente constituir um perigo para o meu modo de viver a vida. E parte dessa maneira também é a necessidade e o desejo pelos outros – não como entidades metafísicas, mas claramente identificadas como outras pessoas, aquelas que têm afinidade com meu modo de viver e ser. E essa afinidade não é algo estático e determinado de uma vez por todas. É um fato dinâmico que muda e continua a crescer e ampliar, revelando ainda outras pessoas e ideias, e tecendo uma teia de relações imensas e variadas, mas onde a constante permanece sempre o meu modo de ser e de viver, com todas as suas variações e evolução.

Atravessei o reino do homem em todos os sentidos e ainda não encontrei onde poderia saciar minha sede de conhecimento, diversidade, paixão, sonhos, um amante apaixonado por amor. Em todos os lugares, vi um enorme potencial deixar-se esmagar pela inaptidão e a escassa capacidade florescer ao sol da constância e do compromisso. Mas, enquanto a abertura para o que é diferente florescer, a receptividade de se deixar entrar e de penetrar a tal ponto que não haja medo do outro, mas sim uma consciência das limitações e capacidades de uma pessoa – e também dos limites e capacidades da outra – é possível afinidade; é possível sonhar com um empreendimento comum e perpétuo além da abordagem

humana contingente. Quanto mais nos afastamos de tudo isso, as afinidades começam a enfraquecer e finalmente desaparecem. E assim encontramos aqueles que estão do lado de fora, aqueles que usam seus sentimentos como medalhas, que flexionam seus músculos e fazem todo o possível para parecer fascinantes. E além disso, a marca do poder, seus lugares e seus homens, a vitalidade forçada, a falsa idolatria, o fogo sem calor, o monólogo, o bate-papo, o tumulto, o utilizável, tudo o que pode ser pesado e medido.

É isso que eu quero evitar. Esse é o meu antifascismo.

Biblioteca Anarquista

Alfredo Maria Bonanno
O que podemos fazer com o antifascismo
1994

lib.anarhija.net
Titulo Original: *What can we do with anti-fascism?*. Tradução e Revisão por André Tunes **@Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista**.
Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org